

OSWALDO FIDALGO, PIONEIRO DA ETNOMICOLOGIA NO BRASIL

OSWALDO FIDALGO, PIONEER OF ETHNOMYCOLOGY IN BRAZIL

Larissa Trierveiler-Pereira^{1*}; Amanda Prado-Elias¹

Resumo:

Oswaldo Fidalgo é um micólogo brasileiro que iniciou seus estudos com fungos de forma autônoma nos anos 1950. Fidalgo contribuiu de forma significativa para a história da micologia no país, realizando estudos em herbários nacionais e estrangeiros, além de participar ativamente da formação de uma nova geração de micólogos. Em 1965, Fidalgo publicou um estudo compilando informações etnomicológicas sobre diferentes grupos indígenas brasileiros, sendo que este trabalho representa um divisor de águas na história da etnomicologia no país. Na década de 1970, Fidalgo trabalhou com o botânico britânico Ghilleen Prance, e juntos investigaram os fungos utilizados na dieta dos Yanomami. Com o intuito de resgatar informações sobre a carreira acadêmica de Fidalgo e os primórdios dos estudos etnomicológicos no país, realizamos entrevistas com Fidalgo e Prance. Os dados apresentados neste artigo são resultados dessas entrevistas e demais investigações em literatura.

Palavras-chave: biografia; conhecimento tradicional; fungos; micologia; Yanomami.

Abstract:

Oswaldo Fidalgo is a Brazilian mycologist who started studying fungi, as an autodidact, in the 1950s. Fidalgo significantly contributed to the history of mycology in the country, conducting studies in national and foreigner herbaria, and actively participated in the training of a new generation of mycologists. In 1965, Fidalgo published a study compiling ethnomycological information about different Brazilian indigenous groups and this study is considered a watershed in the history of ethnomycology in Brazil. In the 1970s, Fidalgo worked with Ghilleen Prance, a British botanist, and together, they investigated the fungal species used in the Yanomami diet. With the aim to rescue information about Fidalgo's academic journey and the beginning of ethnomycological

¹ Laboratório de Estudos Micológicos (LEMic), Centro de Ciências da Natureza, Universidade Federal de São Carlos, Campus Lagoa do Sino, Buri, São Paulo, Brasil. * Lt_pereira@yahoo.com.br

studies in Brazil, we interviewed Fidalgo and Prance. The information presented in this article is the result from these two interviews, besides data retrieved from literature.

Keywords: biography; fungi; mycology; traditional knowledge; Yanomami.

1. Introdução

A etnomicologia, ramo das etnociências que investiga a relação dos seres humanos com os fungos, é uma disciplina recente. Apesar de muitos pesquisadores (botânicos, naturalistas, antropólogos etc.) registrarem anteriormente a 1950 o uso de cogumelos e demais fungos por diferentes comunidades e etnias ao redor do mundo, foi apenas no final da década de 50, com a publicação das investigações de Robert Gordon Wasson e Valentina Pavlovna Wasson (WASSON; WASSON, 1957), que o estudo da etnomicologia se consolidou como uma área independente de pesquisa.

Pouco tempo após o termo “etnomicologia” ser cunhado pelo casal Wasson na obra supracitada, o micólogo brasileiro Oswaldo Fidalgo publicou um estudo compilando as informações existentes sobre o conhecimento micológico de alguns grupos indígenas brasileiros (FIDALGO, 1965). Esse estudo representa a primeira revisão da etnomicologia na literatura brasileira.

Em 09 de setembro de 2021, as autoras deste artigo se reuniram com Oswaldo Fidalgo e sua esposa, Carmen Zocchio Fidalgo, em seu apartamento em Moema, São Paulo, para uma entrevista. Dr. Fidalgo (com 93 anos na ocasião) simpaticamente nos atendeu e respondeu às perguntas e curiosidades que tínhamos sobre a sua trajetória acadêmica. Ainda, no dia 03 de fevereiro de 2022, as autoras se reuniram virtualmente com Sir Ghilleen Prance (85 anos), botânico e ecólogo britânico, cujos estudos também foram fundamentais para o desenvolvimento da etnomicologia no Brasil. Os dados apresentados neste artigo são resultados dessas entrevistas e demais investigações em literatura.

2. Biografia de Oswaldo Fidalgo

2.1 Vida pessoal

Oswaldo Fidalgo é natural de Recife, Pernambuco, nascido em 21 de maio de 1928. Filho de Domingos José Fidalgo, imigrante português vindo de Chaves e relojoeiro de profissão, e de Deolinda Fidalgo (sobrenome de solteira: Demirbachian), carioca, filha de pai armênio e mãe alemã, e escriturária de profissão. Oswaldo teve apenas um irmão, Eduardo, que morava em Portugal e que conheceu apenas quando adulto.

Quando Oswaldo tinha quatro anos, seus pais resolveram se mudar para a Alemanha, pois acreditavam que na Europa poderiam dar uma melhor educação para o filho. Entretanto, ao chegar na Alemanha, se depararam com o contexto político agitado do país devido a ascensão do nazismo. Sendo assim, decidiram regressar para o Brasil poucos meses depois de sua chegada, ainda em 1932, desta vez para a cidade do Rio de Janeiro (Fig. 1A), onde Oswaldo cursou a escola e a faculdade.

O Dr. Fidalgo casou-se duas vezes. Com a primeira esposa, Maria Eneyda Pacheco Kauffmann Fidalgo (1928-1970), teve três filhas, e com a segunda esposa, Carmen Zocchio Fidalgo (1941-), com quem é casado há 49 anos, desde 1972, teve duas filhas.

2.2 Formação acadêmica

O Dr. Fidalgo se considera um “apaixonado pela natureza”. Desde a época escolar já se interessava pela botânica e gostava de admirar as plantas do jardim da capela, no pátio do colégio. Após terminar os estudos no Colégio Pedro II (internato), e devido ao seu interesse pela Biologia, pensou em cursar Medicina. Entretanto, ficou sabendo que há pouco havia aberto o curso de História Natural na Faculdade Nacional de Filosofia (Universidade do Brasil) e decidiu cursar. O curso estava em seu terceiro ano e tinha apenas oito alunos na turma de Oswaldo. Durante a graduação, não se interessou pelo estudo de fungos, apenas por plantas. Em 1952, Oswaldo concluiu sua graduação e nesse ano se casou com Maria Eneyda, diplomada pela Faculdade Nacional de Farmácia.

Depois de formados, Oswaldo e Maria Eneyda fizeram um concurso para trabalhar no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, doravante JBRJ. Para tanto, precisavam elaborar um ensaio sobre uma planta. Oswaldo apresentou um estudo sobre o sombreiro (*Clitoria racemosa* = *C. fairchildiana*) e Maria Eneyda sobre *Lonchocarpus discolor* (= *L. latifolius*). Ambos passaram na seleção e se tornaram naturalistas do JBRJ.

No JBRJ não havia micólogos contratados, apenas botânicos. A instituição contava com recursos limitados e os poucos livros de botânica que haviam disponíveis eram muito disputados. Sendo assim, o jovem casal decidiu mudar de área de pesquisa e começou a se dedicar ao estudo dos fungos.

2.3 A micologia como área de pesquisa

Oswaldo Fidalgo se especializou em micologia de forma autodidata e se correspondia com diferentes pesquisadores (nacionais e internacionais) que lhe enviavam separatas de artigos científicos e livros. Como a micologia não era a sua área de formação, ele precisou se familiarizar com a disciplina e os termos utilizados na área. Diante disso, iniciou a confecção de um glossário para uso pessoal: uma coleção de fichas (organizadas alfabeticamente em um armário do tipo fichário) contendo termos e suas respectivas definições para orientar suas pesquisas.

Um importante evento, divisor de águas na carreira acadêmica de Fidalgo, foi ter conhecido o micólogo brasileiro Alcides Ribeiro Teixeira (1918-2003). A primeira vez que se encontraram foi durante um congresso nos Estados Unidos na década de 50. Como ambos trabalhavam com fungos, começaram a trocar correspondências. Em 1956, após a contratação do Dr. Teixeira pelo Instituto de Botânica de São Paulo, denominado IBT (hoje IPA - Instituto de Pesquisas Ambientais), foi criada a Sessão de Criptógamas na instituição. Em 1959, Teixeira, que na ocasião era o Diretor Geral do IBT, convidou Oswaldo e Maria Eneyda para integrarem sua equipe. O casal aceitou o convite e se mudaram do Rio de Janeiro para São Paulo.

No final da década de 50, Oswaldo tomou conhecimento que um glossário de micologia contendo cerca de 3.400 termos havia sido publicado nos Estados Unidos (SNELL; DICK, 1957). Naquele momento, se deu conta do tesouro que tinha em suas mãos - ele já havia reunido mais de 5.500 termos em seu fichário particular e poderia transformar suas anotações em uma obra de referência para a micologia no Brasil. Entretanto, o caminho para a publicação do dicionário foi árduo. O Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq, hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), órgão de fomento às pesquisas no

estado de São Paulo recusaram a publicação da obra. Quando Fidalgo teve a oportunidade de conversar com um dos avaliadores que rejeitou a publicação, questionou a decisão. A resposta do avaliador foi que poucas pessoas se interessavam pela micologia no Brasil e, sendo assim, o livro não teria massa crítica que justificasse a publicação.

Quando Fidalgo comentou com Teixeira sobre seu infortúnio, ouviu algo que não esperava: se ninguém estava interessado em publicar o glossário, por que eles mesmos não publicavam? Foi quando os dois pesquisadores começaram a discutir a possibilidade de criar uma revista científica para o Instituto de Botânica. Fidalgo se interessou pela ideia, pois além de publicar seu dicionário de termos micológicos, poderia também publicar seus artigos científicos, já que na época, por ser funcionário público, necessitava de autorização do governo para publicar os resultados de suas pesquisas científicas no exterior.

Nasceu então a revista *Rickia*, dedicada ao naturalista Johannes Rick (1896-1946) que contribuiu para o início dos estudos micológicos no Brasil. A revista tinha como escopo o estudo de criptógamos e foi o primeiro periódico científico da área na América Latina. *Rickia* se tornou uma revista de referência, sendo publicados 14 volumes e quatro suplementos entre 1962 e 1987. Em 1988, a *Rickia* se fundiu com a revista *Hoehnea*, que publica artigos científicos nas áreas de Botânica e Micologia até os dias de hoje.

O Dicionário Micológico, publicado por Fidalgo e Fidalgo (1967) como segundo suplemento da revista *Rickia*, logo recebeu o merecido reconhecimento no âmbito acadêmico. Em 1968, a obra ganhou o prêmio João Ribeiro de filologia, etnografia e folclore da Academia Brasileira de Letras (Fig. 1B). Até os dias atuais, o Dicionário Micológico é uma obra de referência para micólogos do Brasil.

Como pesquisador do IBt (Fig. 1C), Fidalgo teve a oportunidade de concorrer a bolsas nacionais e internacionais de auxílio à pesquisa, e assim, visitou diferentes instituições de renome nos Estados Unidos e Europa, como "U.S. National Fungus Collection" (Beltsville, E.U.A.), "The New York Botanical Garden" (Nova Iorque E.U.A.), "Farlow Herbarium" (Cambridge, E.U.A.) e "Royal Botanic Gardens" (Kew, Reino Unido), além de outras instituições importantes na Bélgica, Suécia, França, Alemanha e Portugal. Foi bolsista do CNPq, FAPESP, Fundação Fulbright, National Science Foundation e John Guggenheim Memorial Foundation (SBMIC, 2007). Maria Eneyda também desenvolveu estudos micológicos no IBt e no exterior, até sua morte trágica em um acidente automobilístico.

Como resultado de suas investigações no Brasil e no exterior, o Dr. Fidalgo publicou cerca de 50 trabalhos científicos, sendo que o principal foco de investigações foi a taxonomia de macrofungos (poliporoides). Além de propor novas combinações (FIDALGO, 1969), descreveu novos táxons para a ciência (FIDALGO; FIDALGO, 1958; SINGER; FIDALGO, 1965), incluindo a descrição de um novo gênero, *Pseudofistulina* (FIDALGO; FIDALGO, 1963). Em 1964, Fidalgo recebeu o título de Doutor em Ciência pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz" (Esalq/USP) de Piracicaba, São Paulo. A tese, cujo tema foi a revisão do gênero *Heteroporus*, foi aprovada com distinção.

Fidalgo tem seu lugar de destaque na história da micologia brasileira por ter orientado ou participado indiretamente da formação de importantes micólogos/micologistas, como: João Salvador Furtado, Vera Lúcia Ramos Bononi, Maria Auxiliadora de Queiroz Cavalcanti e Danuza José Muniz Poroca (Fig. 1D).

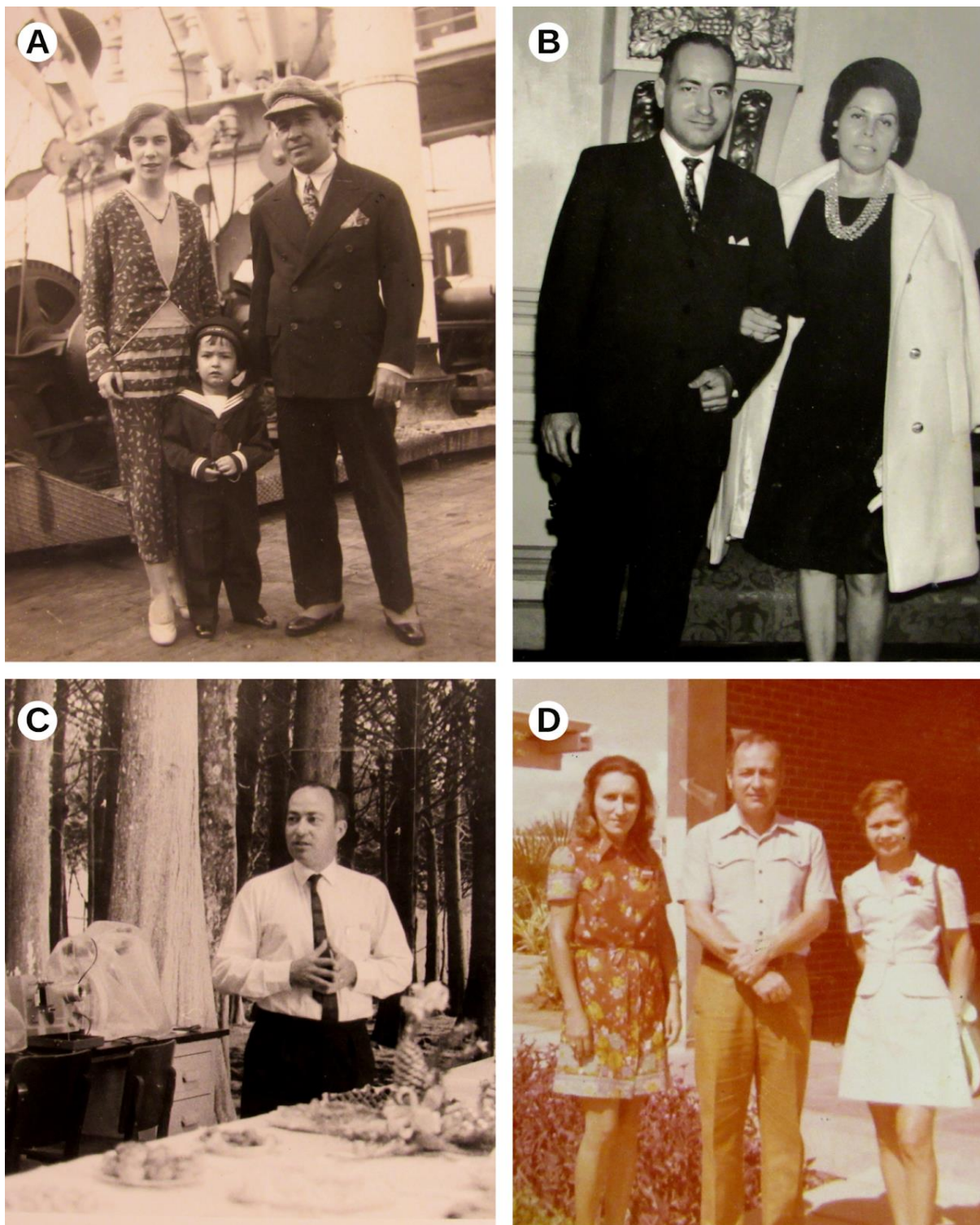


Figura 1: A. Oswaldo Fidalgo com seus pais no porto do Rio de Janeiro em 1932. B. Oswaldo e Maria Eneyda Fidalgo na noite em que receberam o prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1968; C. Oswaldo Fidalgo como Diretor Geral do Instituto de Botânica de São Paulo, década de 1970; D. Maria Auxiliadora Cavalcanti, Oswaldo Fidalgo e Danuza Muniz Poroca, década de 1970. Fonte: acervo pessoal de Oswaldo Fidalgo.

Além de pesquisador e orientador, Fidalgo também ministrou disciplinas em programas de pós-graduação de instituições como Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP), Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Aqui destacamos que Fidalgo ministrou a primeira

disciplina de Etnomicologia oferecida em um programa de pós-graduação no país (UFPE/UFRPE) (FIDALGO; POROCA, 1986).

Fidalgo exerceu o cargo de Diretor Geral do Instituto de Botânica de abril de 1969 a janeiro de 1973, quando o Dr. Teixeira assumiu o cargo de Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo. Posteriormente, seguiu como pesquisador científico do instituto até sua aposentadoria em 1986. Em 2007, o Dr. Fidalgo, junto a outros micólogos brasileiros de renome, como a Dra. Maria Auxiliadora Cavalcante e o Dr. Adauto Ivo Milanez, foi homenageado durante o V Congresso Brasileiro de Micologia (Fig. 2A), realizado na cidade de Recife, com a participação de cerca de 1.000 congressistas.

2.4 Investigações etnomicológicas

Além de seus estudos com fungos poliporóides (“seus urupês”, como lhe diziam), Fidalgo também nutria grande interesse pela história da ciência, dedicando muitas horas de pesquisa na investigação da história da micologia brasileira (FIDALGO, 1968). Sendo assim, publicou trabalhos sobre pesquisadores pioneiros no Brasil na área da micologia, como o resgate das contribuições de Johannes Rick, considerado o pai da micologia brasileira (FIDALGO, 1962), antigas coletas realizadas no país (FIDALGO, 1970, 1974) e no estado de São Paulo (FIDALGO; FIDALGO, 1957).

Ao saber que no México estavam investigando a etnomicologia dos povos nativos, Fidalgo ficou interessado em compilar o que tínhamos sobre o tema no Brasil. O resultado dessa pesquisa foi a publicação de um artigo (Fidalgo, 1965), considerado o ponto de partida das pesquisas etnomicológicas no Brasil (GÓES-NETO; BANDEIRA, 2003). Apesar do trabalho de Fidalgo ter sido publicado em uma revista criptogâmica, esse estudo chamou a atenção de pesquisadores da área de humanas e, por isso, foi republicado na Revista de Antropologia (FIDALGO, 1968).

No final da década de 1960, o botânico britânico Ghilleen Prance (1937-), começava os seus estudos com indígenas amazônicos. Em 1971, Prance realizou expedições em Auaris, terra indígena Yanomami, no extremo norte de Roraima. Foi quando descobriu o uso de cogumelos como parte da dieta dos Yanomami (PRANCE 1972, 1973) (Fig. 2B). Na época, os espécimes fúngicos coletados por Prance na Amazônia foram identificados por Rolf Singer.

Fidalgo e Prance se conheceram pela primeira vez no New York Botanical Garden (NYBG) no início dos anos 1970. Naquela época, Prance trabalhava na instituição e Fidalgo voltaria no ano seguinte, 1971, para realizar pesquisas no herbário. Durante o ano de 1971, Fidalgo morou na casa de Prance, enquanto este estava no Brasil realizando seus estudos na Amazônia. Ambos se consideram muito bons amigos. Prance acredita que Fidalgo teve uma contribuição muito importante para a história da micologia brasileira, pois fazia pesquisas numa época onde não haviam muitos micólogos no Brasil e também participou da formação de outros pesquisadores importantes.

Essa amizade foi essencial para o desenvolvimento de pesquisas etnomicológicas no Brasil. Após uma visita a um grupo Yanomami em 1973, Prance enviou para Oswaldo muitos espécimes fúngicos para identificação. Foi nessa ocasião que Oswaldo perguntou se ele poderia se juntar à Prance numa próxima expedição. Em agosto de 1974, durante 10 dias, os dois visitaram juntos o grupo Yanomami Sanamá para investigar sua relação com os cogumelos comestíveis (Fig. 2C). Durante essa viagem,

coletaram 155 espécimes, conseguiram registrar o uso de pelo menos dez espécies de fungos e provaram todas. No total, conseguiram com seu trabalho resgatar o conhecimento do uso de pelo menos 25 espécies de fungos comestíveis (FIDALGO; PRANCE, 1976).

Prance relata que o direcionamento das pesquisas para os grupos Yanomami foi porque são a única nação da região, dentre as visitadas pelo etnobotânico (doze, no total), que fazem uso de cogumelo na alimentação, representando uma importante fonte de proteína. Outros indígenas podem até fazer uso dos cogumelos, porém, os consideram “comida de sobrevivência”. Para ele, uma das suas maiores satisfações é saber que os estudos que realizaram contribuíram para a valorização do conhecimento Yanomami e que hoje os indígenas comercializam os cogumelos desidratados (SANÖMA - Cogumelo Yanomami) em grandes centros urbanos do Brasil.



Figura 2: A. Maria Auxiliadora Cavalcanti e Oswaldo Fidalgo sendo homenageados durante o 5º Congresso Brasileiro de Micologia, Recife, 2007; B. Ghilleen Prance (de costas) realizando estudos etnobotânicos e etnomicológicos com os Yanomami no norte de Roraima no início dos anos 1970; C. Criança Yanomami segurando uma bandeja de palha contendo cogumelos comestíveis (*Bresadolia paradoxa* e *Favolus brasiliensis*); D. Autoras do artigo na ocasião da entrevista com Oswaldo Fidalgo em 2021 (da esq. para dir.: Larissa Trierveiler Pereira, Amanda Prado Elias, Mariana Fernandes, Carmen Zocchio Fidalgo e Oswaldo Fidalgo). Fontes: arquivos pessoais de Oswaldo Fidalgo (A), Ghilleen Prance (B,C) e autoras do artigo (D).

Fidalgo menciona que ainda tinha interesse em seguir com as pesquisas etnomicológicas (Fig. 2D), mas que na época não havia muito interesse das agências de

fomento em financiar pesquisas nessa área. Quando Fidalgo soube que seu dentista, José Massarú Hirata, participaria do projeto Rondon no Parque Nacional do Xingu, perguntou se ele poderia “colher amostras” e informações sobre os fungos utilizados pelas comunidades que seriam visitadas. Assim, os dois contribuíram também para o conhecimento de comunidades indígenas Caiabi, Txicão e Txucarramãe do Mato Grosso (FIDALGO; HIRATA, 1979).

2.5 Perspectivas das investigações etnomicológicas no Brasil

Segundo Góes-Neto e Bandeira (2003), as pesquisas etnomicológicas no Brasil passaram por dois períodos, sendo o primeiro caracterizado por pesquisas de viés utilitarista e o segundo com um viés mais cognitivo. As pesquisas utilitaristas, realizadas por naturalistas e antropólogos, aconteceram antes da década de 1960 e descreveram de maneira genérica o uso de fungos por diferentes grupos indígenas brasileiros.

Por outro lado, as pesquisas com viés cognitivo foram marcadas pelo trabalho de Fidalgo (1965), considerado o ponto de partida das pesquisas etnomicológicas no Brasil. Os trabalhos com viés cognitivista buscaram registrar conhecimentos além dos usos, como nomes, etnotaxonomia, percepções ecológicas e a cosmovisão ligada aos fungos. É importante ressaltar que os trabalhos realizados nestes dois primeiros períodos tinham maior interesse em comunidades tradicionais indígenas.

Todavia, atualmente os trabalhos etnomicológicos no Brasil estão vivenciando um terceiro período, o qual intitulamos Período da Diversidade. Nesse período, o foco das pesquisas não está mais relacionado puramente ao conhecimento etnomicológico de indígenas, mas também de outras comunidades, tanto tradicionais (como os quilombolas), quanto comunidades locais. Esses estudos são importantes para resgatar conhecimentos tradicionais sobre os fungos em todo o país, diferentemente do primeiro e do segundo período que focaram na região Amazônica.

Consideramos que o início do Período de Diversidade é marcado pela publicação dos trabalhos de Sousa e colaboradores (2015, 2017a, 2017b). Os trabalhos da autora têm como diferencial não apenas o local de estudo (Nordeste), mas também a comunidade investigada. Pela primeira vez na história da etnomicologia brasileira, uma comunidade local (rural) foi o foco de pesquisa e abriu portas para uma nova vertente de estudos (SANTOS *et al.*, 2020; CALAÇA *et al.*, 2021; ANDRADE *et al.*, 2021; PRADO-ELIAS *et al.*, 2021a).

A partir de uma revisão bibliográfica dos trabalhos etnomicológicos realizados no Brasil, foi possível constatar que a maioria dos estudos são oriundos da Região Norte do país, seguido pelo Nordeste e Centro-Oeste. O critério estabelecido para selecionar os estudos foram: estudos realizados no Brasil a partir de Fidalgo (1965), contendo dados primários, publicados em livros e/ou revistas científicas. O mapa da Figura 3 mostra a distribuição dos estudos realizados nas diferentes regiões do Brasil, destacando a concentração de trabalhos na Região Norte. Na região Sudeste, foi incluída a pesquisa que estamos desenvolvendo no momento, com resultados parciais apresentados em eventos científicos (PRADO-ELIAS *et al.* 2021a, 2021b, 2021c).

Sabemos que o Brasil, além de ser um país de dimensões continentais e megadiverso do ponto de vista biológico, também detém uma enorme diversidade cultural. Diante disso, acreditamos que os estudos etnomicológicos podem ser desenvolvidos em muitas regiões do país, de modo que os conhecimentos sobre os fungos possam ser

resgatados e valorizados em diferentes comunidades tradicionais e locais. Além disso, o avanço das pesquisas pelo território brasileiro pode contribuir para um entendimento mais completo sobre os comportamentos micofílico ou micofóbico da população, permitindo assim traçar comparações entre diferentes comunidades do país.

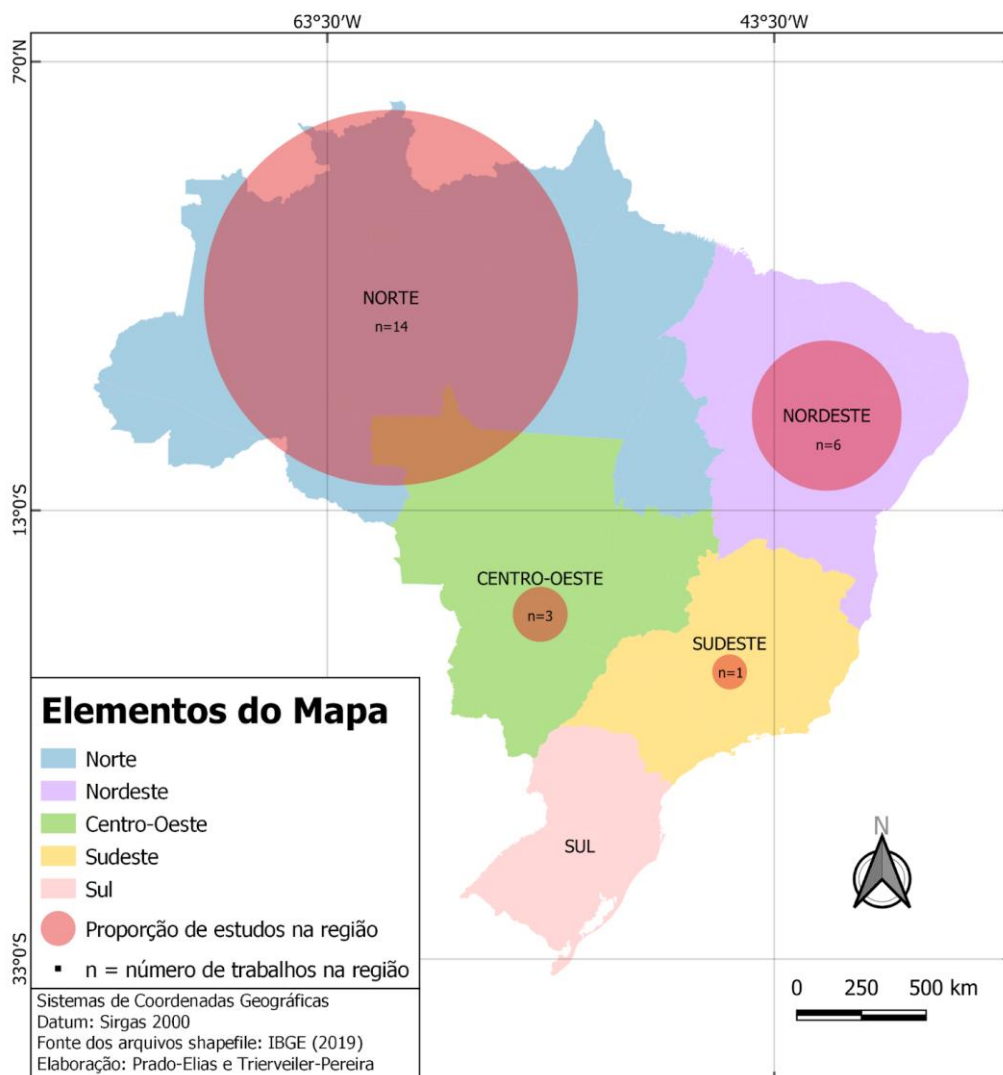


Figura 3: Mapa de distribuição do local de estudo dos trabalhos etnomicológicos realizados até o momento no território brasileiro. Os trabalhos considerados para a elaboração do mapa foram aqueles com coleta de dados primários a partir de Fidalgo (1965) publicados em livros ou artigos científicos. Elaboração: Prado-Elias e Trierweiler-Pereira (2021).

3. Agradecimentos

Esse artigo é uma homenagem que prestamos ao Dr. Oswaldo Fidalgo por sua contribuição à micologia brasileira e à história da etnomicologia. Agradecemos enormemente a Oswaldo Fidalgo e Ghilleen Prance por nos disponibilizarem seu tempo e registros fotográficos. Também somos gratas às pessoas apresentadas a seguir: Carmen Zocchio Fidalgo por toda sua atenção e auxílio no resgate de informações; Adriana de Mello Gugliotta, Carmen Zottarelli e Alexandre Antonelli pelo envio de contatos importantes; Juliano Marcon Baltazar e Eliana Faria de Oliveira pelas correções na primeira versão desse manuscrito; Mariana Fernandes pelos registros fotográficos realizados durante a entrevista com Dr. Fidalgo; e Elisa Marcon Baltazar pelo auxílio com facilidades em São Paulo.

Referências –

- ANDRADE, L. H. C.; BARROS, R. F. M.; LOPES, J. B.; SOUSA, S. B. Medicinal fungi used by rural communities in Northeastern Brazil. **Indian Journal of Traditional Knowledge**, v. 20, n. 4, p. 982-989, 2021.
- CALAÇA, F. J. S.; SOUSA, D. G.; BELÉM-JUNIOR, J. S.; FAQUIM, R. C. P.; XAVIER-SANTOS, S.; SILVA-NETO, C. M.; SOUZA, M. M. O. Perception of fungi by farmers in the Cerrado. **Brazilian Journal of Biology**, v. 82, e236219, 2021. DOI: 10.1590/1519-6984.236219
- FIDALGO, O. Rick, o pai da micologia brasileira. **Rickia**, v. 1, p. 3-11, 1962.
- FIDALGO, O. Conhecimento micológico dos índios brasileiros. **Rickia**, v. 2, p. 1-10, 1965.
- FIDALGO, O. Conhecimento micológico dos índios brasileiros. **Revista de Antropologia**, v. 15/16, p. 27-34, 1968.
- FIDALGO, O. Introdução à história da micologia brasileira. **Rickia**, v. 3, p. 1-44, 1968.
- FIDALGO, O. Revision of the genus *Heteroporus* Láz. emend. Donk. **Rickia**, v. 4, p. 99-208, 1969.
- FIDALGO, O. Adições à história da micologia brasileira. I. A coleta mais antiga. **Rickia**, v. 5, p. 1-3, 1970.
- FIDALGO, O. Adições à história da micologia brasileira. II. Fungos coletados por William John Burchell. **Rickia**, v. 6, p. 1-8, 1974.
- FIDALGO, O.; FIDALGO, M. E. P. K. Revisão de fungos São Paulenses coletados por A. Puttemans. **Arquivos do Museu Nacional**, v. 43, p. 157-188, 1957.
- FIDALGO, O.; FIDALGO, M. E. P. K. A new *Fistulina* from Brazil. **Mycologia**, v. 50, n. 1, p. 145-146, 1958.
- FIDALGO, O.; FIDALGO, M. E. P. K. A new genus based on *Fistulina brasiliensis*. **Mycologia**, v. 54, n. 4, p. 342-352, 1963.
- FIDALGO, O.; FIDALGO, M. E. P. K. Dicionário Micológico. **Rickia**, supl. 2, p. 1-232, 1967.
- FIDALGO, O.; HIRATA, J. M. Etnomicologia Caiabi, Txicão e Txucarramãe. **Rickia**, v. 8, p. 1-5, 1979.
- FIDALGO, O.; POROCA, D. J. M. Etnomicologia brasileira. **Boletín Micológico**, v. 3, n. 1, p. 9-19, 1986.
- FIDALGO, O.; PRANCE, G. T. The Ethnomycology of the Sanama indians. **Mycologia**, v. 68, n. 1, p. 201-210, 1976.
- GÓES-NETO, A.; BANDEIRA, F. P. A review of the ethnomycology of indigenous people in Brazil and its relevance to ethnomycological investigation in Latin America. **Revista Mexicana de Micología**, v. 17, p. 11-16, 2002.
- PRADO-ELIAS, A.; ALMEIDA, N. S.; RUAN-SOTO, F.; BALTAZAR, J. M.; TRIERVEILER-PEREIRA, L. Conhecimento etnomicológico de uma comunidade rural no Sudoeste paulista. In: III ENCONTRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DO PIAUÍ, III, 2021, Teresina. **Anais do III Encontro de Etnobiologia e Etnoecologia do Piauí**, 2021, Teresina.
- PRADO-ELIAS, A.; ALMEIDA, N. S.; RUAN-SOTO, F.; BALTAZAR, J. M.; TRIERVEILER-PEREIRA, L. *Phlebopus beniensis* (Singer & Digilo) Heinem & Rammeloo (Boletiniellaceae, Basidiomycota, Fungi): novo registro para São Paulo (Brasil) e notas

etnomicológicas. In: I SEMANA MICOLÓGICA, 2021, Pernambuco. **Anais da Semana Micológica**, 2021, Recife.

PRADO-ELIAS, A.; CAMPI-GANOVA, M.; RUAN-SOTO, F.; BALTAZAR, J. M.; TRIERVEILER-PEREIRA, L. Visões etnomicológicas sobre a espécie *Phallus indusiatus* (Phallaceae, Basidiomycota) no Brasil e no Paraguai. In: I SEMANA MICOLÓGICA, 2021, Pernambuco. **Anais da Semana Micológica**, 2021, Recife.

PRANCE, G. T. An ethnobotanical comparison of four tribes of Amazonian indians. **Acta Amazonica**, v. 2, n. 2, p. 7-27, 1972.

PRANCE, G. T. The mycological diet of the Yanomam Indians. **Mycologia**, v. 65, n. 1, p. 248-250, 1973.

SANTOS, E. R.; MELO, R. F. R.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento etnomicológico de comunidades que habitam o entorno da REBIO de Pedra Talhada, Alagoas, Brasil. **Gaia Scientia**, v. 14, n. 2, p. 60-75, 2020.

SBMIC - Sociedade Brasileira de Micologia. **Programação e Resumos do 5º Congresso Brasileiro de Micologia**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007. Disponível em: <<https://sbmic.org/files/2007.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SINGER, R.; FIDALGO, O. Two interesting Basidiomycetes from the State of São Paulo. **Rickia**, v. 2, p. 11-16, 1965.

SNELL, W. H.; DICK, E. A. **A Glossary of Mycology**. Cambridge: Harvard University Press, 1957. 171 p.

SOUSA, S. B.; LUCENA, R. F. P.; BARROS, R. F. M.; ROCHA, J. R. S. Classificação Folk dos macrofungos por uma comunidade rural no semiárido do Nordeste do Brasil. **Espacios**, v. 36, n. 21, p. 18, 2015.

SOUSA, S. B.; ROCHA, J. R. S.; LUCENA, R. F. P.; BARROS, R. F. M. Percepção sobre os macrofungos em uma comunidade rural na Caatinga, nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v. 11, n. 2, p. 231-241, 2017a.

SOUSA, S. B.; ROCHA, J. R. S.; LUCENA, R. F. P.; BARROS, R. F. M. Uso de macrofungos em região de caatinga no Nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v. 11, n. 3, 2017b. DOI: 10.22478/ufpb.1981-1268.2017v11n3.35058.

WASSON, V.P.; WASSON, R.G. **Mushrooms, Russia and History**. New York: Pantheon Books, 1957.

Recebido em: 02/03/2022

Aprovado em: 30/04/2022

Publicado em: 27/06/2022